

A cidade de São Paulo e o Convento São Francisco de Assis: a educação dos brasileiros no tempo do Imperador.

Maria Renata da Cruz DURAN⁴¹

Paulistas ou paulistanos, em 2004 a cidade de São Paulo comemorou seu 450º ano de vida. A diversidade paulista assusta e encanta, mas, nos idos de 1800, a cidade era apenas uma província em desenvolvimento que não tinha maior relevância, entre outras tantas no Brasil. Dos poucos meios de aprendizado, o Convento São Francisco de Assis guardava muito respeito na cidade, teve entre seus frequentadores o padre Diogo Feijó, o Frei Galvão e o menos conhecido, Frei Francisco do Monte Alverne, que se tornaria pregador imperial de 1816 até 1836. A educação dos brasileiros nos tempos do Imperador passava por um processo de invenção do Brasil, e São Paulo em muito contribuiu nesta construção.

Em 1800, a cidade de São Paulo, conforme indica o viajante Saint Hilaire (1819), contava com pequenas casas sem muitos adornos. Apenas duas ruas eram ressaltadas por sua beleza: a rua Direita e a Rua Antônio Luís, cujo calçamento era completo. Ainda eram poucos os conventos: o Convento São Bento, Convento do Carmo e o Convento São Francisco, destacados por sua arquitetura. Estes conventos eram os espaços de reunião de uma cidade cujo movimento começava após o pôr do sol. Em 1782, as Atas da Irmandade franciscana denunciavam que entre os 14 responsáveis pelo Convento, apenas 3 sabiam assinar o próprio nome.

Em 1818, embora o analfabetismo persistisse, os dados indicam uma diversificação das atividades comerciais na província. No censo presidido pelo Capitão Mor Eleutério da Silva Prado, calculou-se que das 24.024 almas, os 11.692 brancos, 5.052 pretos e 7.200 mestiços eram distribuídos nas funções de militares (566), magistrados (1), clero secular (81), clero regular (14), religiosas escolhidas (56), agricultores (1.460), negociantes (220), jornaleiros (98), madeireiros (18), mineiros (1), condutores e tropeiros (52), mendigos (152) e algumas outras atividades ainda não identificadas. Este censo, estudado por Afonso E. Taunay em 1956, descreve uma província que não tinha o dinamismo do Rio de Janeiro, nem tampouco o poder econômico de Salvador, mas que, em razão do desenvolvimento da agricultura, da cana e do café, mostrava-se como uma das promissoras alternativas que o país tinha para unir os desejos de emancipação política à urgência abolicionista do período.

As melhorias que a cultura da cana de açúcar trouxeram a São Paulo, como povoamento e organização sistemática do trabalho, foram melhor sentidas no período do café. O plantio do café, logo após o ciclo do ouro no Brasil, foi percebido na província por meio do enriquecimento de seus investidores e conseqüente hierarquização de sua população. Mais ricos, ricos e menos ricos diferenciavam-se pela extensão de suas ordens e influências na política nacional. Os paulistas começaram a defender seus interesses e, assim, discutir as formas pelas quais esses interesses deveriam ser conquistados.

A elite paulistana era formada pelos donos de terras e foi impulsionada pelos estudos que estes donos de terras impuseram aos seus filhos. Entre outros grupos, podemos destacar a influência do círculo de proprietários de Itu, no qual atuava o Padre Feijó. Lembrados como *liberais*, os paulistas idealizavam um Estado capaz de intervir na economia e na sociedade, conforme as necessidades das elites regionais. Defensores da regulamentação da propriedade da terra como Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, Francisco de Paula Souza e Melo e Rafael Tobias de Aguiar, os paulistas queriam que as terras colonizadas pelos portugueses na América permanecessem unidas, mas que cada região tivesse sua autonomia, podendo decidir a respeito daquilo que fosse melhor para ela.

Estudiosa do caso paulista, a professora de História na USP, Miriam Dolhnikoff (2003), acredita que os paulistas foram vencedores na medida em que foi intensificado o federalismo no Brasil. Para Dolhnikoff, a partir de 1824, pode-se perceber que o caráter institucional de nossa Constituição fora traçado pelo *liberalismo paulistano*.

⁴¹ Pós-graduanda em História na Unesp/ Franca, sob a orientação do Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França.

Campo para estas discussões, o Colégio São Paulo, sediado no Convento São Francisco, foi um dos pivôs destas modificações. Com parte do seu espaço transformado em Faculdade de Direito em 1829, o Convento também mudou na forma de ver e de ser visto pela cidade.

A ordem católica dos franciscanos chegou, da região norte do país, a São Paulo, em 4 de junho de 1608, quando lançaram a pedra fundamental para a construção de seu Convento, mas o alvará para a efetivação do mesmo só foi concedido em 29 de novembro de 1624, sendo iniciada a construção em 1639. Entre estas datas, o Frei Francisco das Neves, então responsável pela Ordem, optou por construir uma edificação provisória na chamada Rua Direita, que foi batizada como Igreja de Santo Antonio. Com a expulsão da Companhia de Jesus do Brasil, os franciscanos transferiram-se para o edifício construído pelos jesuítas, no atual Largo São Francisco, onde renomearam sua sede como Convento São Francisco.

O grande espaço, as salas de aula e a biblioteca dos jesuítas foram aproveitados para o seminário franciscano e para o desenvolvimento de vários cursos ministrados pelos *capuchinhos*. Sua parte térrea foi utilizada para o recolhimento e cuidado dos pobres e doentes, sendo conhecida como *Casa Santa*. Por situar-se próxima a Igreja da Sé e ao Riachuelo, o Convento São Francisco acabou por privilegiar-se, tornando-se ponto de referência aos primeiros paulistas.

As influências do kardecismo, do positivismo e da homeopatia foram observadas em São Paulo, mas desprovidas da forte entonação percebida no Rio de Janeiro. Neste sentido, a capital paulistana não constituía um espaço de efervescência cultural aos moldes cariocas. Entretanto, em razão da gradativa diminuição de ingressantes nas ordens e da igualmente crescente diminuição dos investimentos ou arrecadações para esta área, conventos como o Santo Antonio, no Rio de Janeiro, não dispunham de tantos professores ou recursos para o aprimoramento de seu “exército da fé”, como em São Paulo. Em São Paulo, além da herança jesuíta, os estudantes puderam desfrutar da convivência com cerca de 400 internos e da instrução de renomados pensadores como Frei Rodovalho e Frei Santa Justina, o que fomentou o debate cultural na cidade.

Em 1829, quando a biblioteca do Convento foi vendida para a recém criada Faculdade de Direito, muitos papéis referentes à Ordem Franciscana se perderam, mas o uso e os desdobramentos efetivados pelos estudantes desta faculdade acabam por acentuar seu valor e estima para aqueles que a perderam. Embora tenham recebido um conto de réis pelo lote de livros vendidos - 4 mil volumes - desde o momento até a atualidade os franciscanos atestam a coerção por meio da qual o negócio foi feito. Mais uma grande perda de material sucedeu em 1860, quando as imediações do Convento foram tomadas por um incêndio que quase derrubou o prédio secular.

Há 30 anos trabalha uma equipe de restauradores no local e algumas anotações e pertences antigos ainda são encontrados. Atualmente o Convento desenvolve atividades de assistência social, psicológica e colaboração jurídica. O Convento ainda abriga necessitados e oferece alimento aos que não têm o que comer, num de seus corredores existe um bazar beneficente permanente e nas missas do dia 4 de outubro, animais de toda parte são levados ao pátio do Convento para serem abençoados pelos *capuchinhos*.

As passagens históricas de uma cidade ou de um convento, no Brasil, não podem restringir-se aos limites geográficos. A formação destes espaços serviu como primeiros passos na invenção da nacionalidade brasileira e do perfil das cidades do país. Muitos ícones podem representar esta grande metrópole que é São Paulo, um deles, sem dúvidas, é o Convento São Francisco de Assis. A diversidade observada em São Paulo, também pode ser encontrada entre os frequentadores do Convento. A metamorfose de idéias e sentidos que tomou a metrópole nos oitocentos, novecentos e dois mil, também abateu o Convento de maneira a aumentá-lo, diminuí-lo, reconstruí-lo. Em seus corredores, o Convento abrigou da fina flor da sociedade paulistana aos mais torpes necessitados, e o que é São Paulo, senão este espaço plural que a nada rejeita ... a tudo suporta?